

# CLAUDIA entrevista a historiadora Mary Del Priore



  
O AMOR  
PARECE SER  
A ÚNICA  
**FORMA DE**  
ESQUECER O  
TEMPO

# OS ARQUIVOS DO CORACÃO

Autora de *HISTÓRIA DO AMOR NO BRASIL*, lançado recentemente, MARY DEL PRIORE acredita que nem depois da pílula e dos movimentos libertários o sentimento deixou de ser idealizado. Aqui, a pesquisadora fala sobre as manifestações do coração ao longo do tempo LINA DE ALBUQUERQUE

**E**la passou anos debruçada em calhamaços de documentos que registram a corte amorosa, os gestos de afeto, os namoros e os casamentos em várias épocas. O resultado é o livro *HISTÓRIA DO AMOR NO BRASIL* (ed. Contexto), de 450 páginas, que percorre as longas distâncias entre o sentimento idealizado do passado e a realidade como ele vem se apresentando atualmente. A tarefa de escrever a obra foi realizada entre um casarão centenário em Teresópolis, na região serrana do Rio de Janeiro, e outro, bicentenário, em Roterdã, na Holanda – onde Mary mora metade do ano por causa dos negócios do marido, o empresário franco-brasileiro Charles Lisbona. Leitora de Julio Verne na juventude e apaixonada por livros de exploradores, a escritora carioca, de 53 anos, decidiu estudar

história quando estava com quase 30. Já tinha dois filhos e prestou o vestibular na Pontifícia Universidade Católica (PUC), em São Paulo, grávida do terceiro. Deu aulas durante dez anos na Universidade de São Paulo (USP), onde fez sua tese de doutorado sobre a sexualidade no Brasil colonial, e por mais dez na PUC do Rio de Janeiro. Entre 1999 e 2002, foi coordenadora-geral do Arquivo Nacional, no Rio, continuando ali suas pesquisas. Autora dos premiados HISTÓRIA DAS MULHERES NO BRASIL e HISTÓRIA DAS CRIANÇAS NO BRASIL, Mary conversou com CLAUDIA sobre sua experiência como investigadora do amor.

**CLAUDIA COMO VOCÊ COMEÇOU A SE INTERESSAR PELA HISTÓRIA DAS INTIMIDADES?**

**MARY** Eu sempre me interessei por tudo que envolve o passado. Mas me casei cedo, aos 19 anos, como era comum na época, para ser mãe de família e dona-de-casa. Só que, com o tempo, comecei a sentir falta de estudar. Então prestei vestibular para história com o apoio do meu primeiro marido (*o banqueiro Hugo Del Priore, com quem ficou casada durante 16 anos*), que até hoje é entusiasta do meu trabalho. Na época, já morava em São Paulo, meus filhos iam ao colégio e eu à faculdade. Nós estudávamos nos mesmos horários e freqüentávamos juntos os museus e as livrarias. Estou certa de que os três, Pedro Augusto, Paulo Fernando e Isabel, foram também meus grandes companheiros na aventura do conhecimento.

**CLAUDIA VOCÊ ENFRENTOU ALGUM CONCEITO QUANDO RESOLVEU LEVAR A HISTÓRIA DO AMOR PARA AS BANCADAS DA ACADEMIA?** **MARY** Em parte, sim. Mesmo tendo me retirado há seis anos do mundo acadêmico para me dedicar às pesquisas, percebo que a

universidade não abraça esse tema com freqüência. Muitos consideram o assunto menor e menos sério. Mas não estou preocupada com isso. Tanto que me apropriei, na minha apresentação, da seguinte epígrafe, usada por Bertrand Russel em *A CONQUISTA DA FELICIDADE*: “Este livro não é endereçado aos eruditos nem àqueles que julgam que um problema prático não parece ser tema de conversa”. Se o assunto nos comove tanto, por que justificar a escolha do tema diante dos acadêmicos?

**CLAUDIA E NÃO HOUVE AVANÇOS EM RELAÇÃO AO TRATAMENTO DESSE TIPO DE PESQUISA?** **MARY** Claro que sim. No passado, o assunto só era mencionado para descrever os amores de tal rei ou o adultério de determinada rainha. Hoje o anedótico está sendo trocado por um olhar mais sério. Os historiadores brasileiros avançaram muito em estudos sobre a família, o casamento, a mulher e a sexualidade. Eu me beneficieei largamente deles, assim como de obras de estrangeiros que foram pioneiros em escrever



## BUSCAMOS NO OUTRO O QUE JULGAMOS TER PERDIDO OU DEIXADO PARA TRÁS

sobre o amor, como Michel Foucault, Peter Gay e Alan Macfarlane. A questão está na moda. Na França, há centenas de livros sobre o tema.

**CLAUDIA O FATO DE VOCÊ SER MULHER TORNOU MAIOR A SUA CURIOSIDADE A RESPEITO DO ASSUNTO?** **MARY** É possível que sim. Mas eu me interesso por esse tipo de pesquisa sobretudo

por ser historiadora. Talvez mais que os outros profissionais, o historiador acaba constatando que o tempo não nos pertence. E o amor parece ser a única forma de esquecer o tempo. Nele, mesmo adultos, podemos voltar a ser crianças, invertendo a marcha dos ponteiros. Buscamos no outro o que julgamos ter perdido ou deixado para trás. E, como no mito do Andrógino, acreditamos nas metades partidas que se complementam.

**CLAUDIA O QUE SOBROU DO AMOR ROMÂNTICO NOS DIAS DE HOJE?** **MARY** Muito da idealização em torno do amor romântico continua presente em nossa cultura. Há uma vasta literatura confirmando que a mulher ainda está à espera do seu príncipe encantado. Nas estantes das livrarias, fazem sucesso os guias que pretendem mostrar como conquistar e manter o homem na cama. Manuais para um casamento feliz ainda vendem muito. Claro que isso hoje é feito com uma veia um pouco mais satírica e até sarcástica. De certa forma, representa um avanço, comparado aos anos 40, por exemplo, quando ensinavam nas revistas femininas que não se devia perturbar o marido se ele estivesse fumando um charuto ou lendo jornal.

**CLAUDIA QUANDO O AMOR ROMÂNTICO COMEÇOU A INTERFERIR NAS RELAÇÕES DOS CASAIS BRASILEIROS?** **MARY** O romantismo só chegou ao Brasil no século 19. É o momento da grande safra de romancistas, de José de Alencar a Machado de Assis. No século anterior, a aproximação entre homens e mulheres acontecia nas igrejas, nas celebrações das missas ou por ocasião das festas religiosas. O interesse era sinalizado com acenos de leques, piscadelas, beliscões. Esse comportamento mudou com o aparecimento dos folhetos românticos

e das histórias de amor contadas nos livros. O romantismo transformou a mulher numa espécie de deusa, e o homem no cavaleiro empenhado na sua conquista. A mulher foi então levada para um pedestal e idealizada de forma tão assexuada quanto a Virgem Maria. E o homem passou a ser valorizado como a encarnação da honestidade, do trabalho e da devoção familiar. O amor se tornou alguma coisa pela qual se suspirava. As pessoas precisavam estar permanentemente apaixonadas pelo amor e pela necessidade de estarem apaixonadas.

**CLAUDIA E COMO O SEXO ERA DE FATO EXERCIDO? MARY** Até os anos 50, o homem brasileiro tinha toda a liberdade de manter o seu caso fora do casamento. O sexo era exercido nos bordéis ou com as chamadas “meninas fáceis”. Acredito que a pílula, seguida dos movimentos libertários dos anos 70, contribuiu imensamente para uma maior possibilidade de erotização da relação amorosa. A partir do momento em que o sexo não está mais fadado a se transformar em uma barriga, o prazer sexual começa a ser revisto.

**CLAUDIA UMA DAS CONCLUSÕES DO SEU LIVRO É QUE OS VALORES TRADICIONAIS PODEM ESTAR RENASCENDO ENTRE AS NOVAS GERAÇÕES. DE QUE FORMA VOCÊ AVALIA ESSE FENÔMENO? MARY** Hoje há muitas mulheres interessadas em dedicar-se com exclusividade à família e aos filhos. Querem estar mais presentes. Esse fenômeno já está sendo observado com bastante clareza nos Estados Unidos. E se trata de um desejo tão natural e legítimo quanto o da mulher que aspira exercer uma profissão fora de casa. É claro que ele ainda parece exclusivo das famílias que não enfrentam dificuldades financeiras.

**CLAUDIA VOCÊ AFIRMA QUE O AMOR CONTINUA SENDO VIVIDO DE FORMA IDEALIZADA. COMO? MARY** Percebo que os jovens estão hoje sofrendo pela dificuldade de fazer escolhas. As novas gerações parecem querer tudo ao mesmo tempo. Querem o amor, a fidelidade absoluta, a monogamia e também as vertigens da liberdade. Optar por alguma coisa implica abrir mão de outra. Por outro lado, o erotismo acabou entrando no território da proeza. Em alguns casos, o prazer deixa de ser espontâneo para virar obrigação. A consequência é que a liberdade sexual pode se tornar um fardo. Observo que os jovens têm nostalgia da velha linguagem do amor, feita de prudência, sabedoria e melancolia, como aquela vivida por seus avós. Hoje, a loucura é desejar um amor permanente, com toda a intensidade, sem nuvens ou tempestades. O tripé das últimas conquistas – representado pelo divórcio, pela contracepção e pelo trabalho – foi muito importante para as mulheres. Mas são acontecimentos relativamente recentes e muitas



OS JOVENS  
QUEREM TUDO,  
DA FIDELIDADE  
ABSOLUTA  
À VERTIGEM DA  
LIBERDADE

ainda não conseguiram achar um equilíbrio em meio aos desdobramentos desses avanços. Então existe o risco de o amor retomar a condição de ideal nunca encontrado.

**CLAUDIA EM QUE ASPECTOS HOMENS E MULHERES CONTINUAM DIVERGINDO SOBRE O AMOR E A SEXUALIDADE? MARY** A tradição machista de 500 anos ainda

está muito presente entre nós. O homem, de forma geral, exercendo o papel de caçador, e a mulher de presa. Mas isso é um pouco da minha opinião. As mulheres permanecem fiéis à idéia de que o amor tem que ser eterno. Elas ainda buscam o companheiro perfeito, enquanto os homens são mais pragmáticos nas suas escolhas. Eles desejam, sobretudo, companheiras que sejam boas mães e esposas. Não têm a expectativa de casar com uma mulher em chamas. Não se espera que a mulher casada seja exatamente uma incendiária.

**CLAUDIA EM COMPENSAÇÃO, A REALIZAÇÃO SEXUAL TORNOU-SE UM IDEAL PERSEGUIDO DENTRO E FORA DO CASAMENTO. ISSO REPRESENTOU UMA VIRADA NA HISTÓRIA DOS SENTIMENTOS? MARY** Em toda a história do amor, o casamento e a sexualidade estiveram sob controle: da Igreja, da família, da comunidade. Só o sentimento, apesar de todos os constrangimentos, continuava livre. Podia-se obrigar os indivíduos a viver ou deitar com alguém, mas não a amar. De fato, as coisas mudaram. Apesar dos riscos da aids, a sexualidade foi desembaraçada da mão da Igreja e separada da procriação graças aos progressos médicos. E mais: ela acabou sendo mesmo exaltada pela psicanálise. Hoje, a grande vilã é a ausência de desejo. O casamento, fundado sobre o amor, não é mais obrigatório e ele escapa às estratégias religiosas ou familiares. O divórcio não é mais vergonhoso, e os casais recebem o mesmo tratamento perante a lei. A realização pessoal se coloca acima de tudo: recusamos a frustração e a culpabilização. Mas será que todas essas conquistas poderão também acabar se revelando armadilhas? Os historiadores de amanhã dirão. ◊